


REFLEXÕES ACERCA DO O CORPUS DE ANÁLISE DO DISCURSO MONOGÂMICO NO INSTAGRAM

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9571124300910>

Data de aceite: 10/10/2024

Laura Colli Gon
Universidade de Franca

INTRODUÇÃO

Recentemente, no âmbito de investigações discursivas, temos direcionado nossa atenção para a manifestação de discursos cômicos na esfera digital. Contudo, ao explorarmos a teoria da Análise do Discurso Digital (ADD), percebemos que, por se tratar de uma área em desenvolvimento, ainda carece de um arcabouço teórico específico para os discursos humorísticos presentes no meio digital.

Quando trazemos à luz o que se compreende como monogamia, entende-se, de maneira ampla, que a sociedade associa a monogamia ao amor. Esse amor, por sua vez, é frequentemente visto através de uma lente sexual e se expressa por meio da conexão entre dois indivíduos – geralmente heterossexuais – que desejam dividir todos os aspectos de suas vidas. A constituição de uma família é vista

como um aspecto essencial para que essa união seja tida como genuína e natural. Assim, cria-se um conjunto de normas que regem as relações monogâmicas, que estão são frequentemente destacadas nas redes sociais, criando diversas narrativas, especialmente no *Instagram*.

Dentre essas narrativas, encontramos também diversas materialidades discursivas humorísticas sobre o tema e, essas representações não se restringem apenas ao casamento, por mais que esse seja a base da monogamia, mas engloba as relações afetivas que permeiam o discurso monogâmico. Sendo assim, para compreendermos como podemos investigar como o humor do discurso monogâmico, partir da perspectiva da ADD, é fundamental, inicialmente, considerar questões relacionadas à escolha do *corpus* a ser analisado. Essa é a problemática que permeia toda a nossa pesquisa: de que maneira podemos estabelecer um *corpus* de análise humorística no contexto dos estudos da ADD para analisarmos o discurso monogâmico?

Certamente, essa indagação não resolve todas as questões relacionadas ao estudo do humor ou da monogamia, mas, conforme será demonstrado mais adiante, ela nos leva a refletir sobre como podemos, ainda que de forma limitada, entender a presença do humor no ambiente digital e como podemos reunir esse material para análise. Portanto, neste capítulo, consideramos pertinente abordar essa questão central sobre a formação do *corpus* humorístico para a Análise do Discurso Digital (ADD) e também tentar situar o leitor em relação às nossas observações sobre o que já foi investigado a respeito do humor, tendo como base a Análise do Discurso de influência francesa.

SOBRE OS ESTUDOS ACERCA DO HUMOR

O primeiro elemento que nos leva a reflexão ao considerar o humor no ambiente digital é o *meme*. Embora não seja a única forma de expressão humorística presente nesse meio, ele é um tipo de conteúdo que se espalha de maneira ampla nas redes sociais. A palavra “meme” foi introduzida em 1976 pelo etólogo Richard Dawkins, que a utilizou para descrever como a cultura se dissemina entre diversos grupos humanos. O autor desenvolveu sua teoria em analogia com a genética: assim como o DNA funciona como uma unidade de replicação, na esfera cultural, os *memes* exercem a função de transmitir diferentes informações entre grupos distintos. Na época, Dawkins procurava entender como as características únicas da espécie humana eram essenciais para a transmissão cultural. Por cerca de duas décadas, essa pesquisa permaneceu restrita ao ambiente acadêmico, mas com o avanço da internet e a facilitação da interação entre variados grupos sociais, o conceito de *meme* se firmou e passou a fazer parte essencial das mídias sociais.

Hoje em dia, as redes sociais se tornaram o principal espaço para a disseminação de discursos controversos, e os *memes* já fazem parte integrante desse cenário. Dessa forma, podemos afirmar que os *memes* contêm mensagens que (re)interpretam significados, emergem no imaginário coletivo, consolidam expressões já mencionadas e geram efeitos de lembrança. Ao considerar o discurso como um tema de estudo, conforme Pêcheux (1997), podemos enxergar o *meme* como um enunciado com certa estabilidade, o que explica sua ampla replicação, visto que ele se insere na memória discursiva sobre o humor na internet. É relevante notar que, além dos *memes*, há outros formatos de enunciados disponíveis no digital que também podem ser incessantemente reproduzidos e que são responsáveis pela criação de discursos humorísticos. Exemplos incluem tuítes, *Reels*, vídeos do *TikTok*, charges e outros. Neste texto, decidimos focar no *meme* e sua função dentro do discurso digital.

Não há como negar a importância dessas materialidades discursivas no ambiente digital, considerado um fenômeno essencialmente urbano (Orlandi, 2010). Dessa forma, essas materialidades atuam como espaços de significação, resultando em interpretações específicas dos enunciados produzidos. O ambiente digital serve como um contexto onde

esses discursos se concretizam; no entanto, assim como em outras esferas de produção, os textos são analisados não como unidades isoladas, mas como enunciações carregadas de significados (Orlandi, 2001) que se disseminam quase que imediatamente nas telas de computadores, *smartphones* e *tablets*, já que é possível acessar uma variedade de sites de busca, redes sociais e aplicativos de mensagens.

Plataformas digitais como *Instagram*, *TikTok*, *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, *Google* e aplicativos de mensagens instantâneas como *WhatsApp* e *Telegram* são os principais ambientes para a disseminação desses conteúdos humorísticos. Isso evidencia como a linguagem evolui ao longo da história, levando o indivíduo a se posicionar em relação ao que está disponível para ver ou ler. Assim, ao considerarmos o conceito de narratividade urbana proposto por Orlandi (2004), que descreve como um indivíduo ganha relevância ao ser inserido em um contexto de produção de significado, podemos afirmar que um *meme*, um vídeo no *TikTok*, um *Reels* ou um tuíte podem ser entendidos como textos que integram a narratividade digital desse espaço igualmente digital.

Tendo em vista que *memes*, vídeos, tuítes e *reels* apresentam materialidades discursivas heterogêneas, buscamos, fundamentados em Lagazzi (2009), entender as particularidades de cada forma material que compõe essas expressões discursivas, além de explorar suas análises de maneiras variadas. A autora afirma que não existem materialidades que se complementam, mas que coexistem através da contradição, permitindo que suas lacunas sejam trabalhadas. Além disso, de acordo com Lagazzi, os significados emergem a partir da intersecção de diferentes formas materiais que não devem se sobrepor, mas sim ter suas distinções analisadas. Nesta análise, iremos observar de que modo o humor – principalmente quando pensamos no discurso monogâmico - facilita a circulação ágil dessas diversas manifestações enunciativas no ambiente digital, o que nos permitirá estabelecer uma definição mais clara para um *corpus* de análise, levando em consideração a ADD.

Sírio Possenti destaca o humor como um tema relevante para a Análise do Discurso, apresentando diversas justificativas para sua investigação. O autor também aborda a repetição de certos temas que costumam gerar humor, como futebol, casamento e política. Para ele, as piadas são repletas de significados para a pesquisa, uma vez que não apenas abordam assuntos polêmicos, mas também visam identificar e/ou reforçar expressões de culturas e ideias que possuem valores profundamente enraizados na sociedade. Além disso, segundo o mesmo autor, outro motivo para a análise das piadas é seu papel como estereótipos, pois elas oferecem uma visão mais simplificada dos eventos do dia a dia, funcionando como um recurso de entendimento mais acessível para o público geral (Possenti, 1998).

Sob essa perspectiva, *memes*, vídeos, tuítes e *reels* podem ser vistos como expressões diversas que são formadas por diferentes elementos que se entrelaçam sem se eclipsar. Eles são percebidos como uma forma de humor devido à sua fácil compreensão, que é acessível a quase todos os públicos. Segundo Travaglia (1990), o humor e a piada funcionam quase como um instrumento para expor nossos fundamentos emocionais e psicológicos, na medida em que o humor tem o objetivo de revelar nossas inseguranças e reflexões mais profundas, sejam elas sagradas ou seculares; assim, a crítica se desenvolve através do humor.

Ao refletir sobre a disseminação de uma piada, conforme mencionado por Travaglia (1990), o humor e a elaboração de piadas fazem parte de nossas capacidades humanas, estando presentes em diversos aspectos de nossas vidas e com o objetivo primordial de nos divertir. Assim, considerando que as mídias sociais representam uma nova forma de interação entre as pessoas – especialmente tendo em vista as mudanças nas relações interpessoais nos últimos tempos – as plataformas digitais emergem como um espaço propício para a troca de piadas. Entretanto, as investigações de Travaglia e Possenti se concentram em uma abordagem anterior à era digital, o que evidencia a importância de reunir um *corpus* humorístico dentro do contexto da ADD, possibilitando um avanço nas pesquisas sobre o digital e a criação de uma teoria acerca do humor na ADD, um campo ainda em desenvolvimento.

Observa-se que os discursos gerados em ambientes digitais apresentam uma diversidade de linguagens (visuais, orais e escritas) que frequentemente se entrelaçam de forma multimodal, combinando duas ou mais expressões. Portanto, é necessário considerar como investigar o humor através da criação de novos gêneros discursivos, além da sua disseminação em diferentes espaços de circulação. Para abordar essa questão relacionada ao digital, Paveau (2017) reflete sobre quais novas definições e instrumentos poderiam facilitar a análise dos discursos criados na internet e em plataformas digitais. Assim, a autora destaca a necessidade de uma nova abordagem sobre o que se conhece a respeito do “contexto extralinguístico”, propondo que ele seja visto como um ecossistema onde o discurso é desenvolvido.

De acordo com Paveau (2013), as circunstâncias que influenciam a produção de discursos, como a utilização de dispositivos tecnológicos, devem ser observadas como um contexto extralinguístico que facilita a manifestação do discurso. Dessa forma, é essencial ir além da simples dicotomia entre o sujeito e a linguagem, analisando as criações linguísticas com atenção ao papel dos intermediários não humanos. Para a autora francesa, a máquina atua também como um agente na produção da linguagem (Paveau, 2021). Assim, é possível afirmar que os ambientes onde se produzem *memes*, vídeos, tuítes e *reels* têm relevância significativa para a análise. Portanto, nosso objetivo é entender como o humor se articula nos discursos monogênicos que circulam na internet. Para isso, devemos identificar quais componentes integram o objeto de pesquisa e como esses elementos devem ser avaliados; em outras palavras, propomos refletir sobre a formação do *corpus* analítico relacionado ao humor, com base nas teorias estabelecidas na ADD.

A QUESTÃO DO CORPUS

A questão do *corpus* na Análise do Discurso (AD) sempre foi objeto de reflexões conceituais, influenciadas pela diversidade de ideias de diversos autores e pesquisadores da área, especialmente ao considerarmos as contribuições de dois pensadores fundamentais nos estudos da linguagem: Michel Foucault e Michel Pêcheux. Foucault (2009) não buscava criar uma teoria do discurso, focando mais em aspectos de história e filosofia; no entanto, ao abordar temas amplos relacionados às interações entre saberes e poderes e ao estabelecer conexões entre enunciados de uma mesma unidade, ele introduziu a noção de Formação Discursiva (FD). Suas reflexões são frequentemente associadas à teoria de Michel Pêcheux, através do trabalho de Jean-Jacques Courtine (1981), e se consolidaram como uma vertente significativa, especialmente no Brasil, nas discussões promovidas por Rosário Gregolin, que atualmente estão inseridas sob a denominação de Estudos Discursivos Foucaultianos.

As obras de Foucault não são compostas por unidades de objetos fixos e normatizados, mas por entrelaçados indeterminados de enunciações que formam uma única figura, exibindo conceitos que se afastam das estruturas e regras de uso. Em essência, Foucault (1986) vê a FD como um conjunto de enunciados que representam padrões em sua multiplicidade. Quando aplicamos essas reflexões aos estudos da linguagem, podemos abordar a história de maneira não linear; portanto, a análise de documentos se torna crucial para entender a escolha e a disposição do objeto de pesquisa.

Para isso, é fundamental compreender o conceito de *arquivo*, que será abordado nesta pesquisa com base na análise proposta por Foucault (1986). Esse conceito vai além de um simples sistema que rege enunciados e eventos semelhantes, manifestando-se como uma espécie de “massa amorfa”. O arquivo se configura não apenas como uma coleção de textos, mas sim como um conjunto de textos interconectados que dialogam sobre um determinado assunto. Ele se posiciona entre a linguagem e o *corpus*, permitindo, assim, o tratamento e a manipulação de enunciados como eventos discursivos. Contudo, não é viável descrever um arquivo em sua totalidade; portanto, um *corpus* pode ser visto como um recorte relevante dentro de um arquivo que será objeto de análise. É importante ressaltar que a organização de um *corpus* não é neutra, uma vez que tanto os sujeitos quanto os analistas estão sujeitos à influência sócio-histórica da qual não podemos nos dissociar e que nos afeta.

Em sua obra *Semântica e Discurso*, Michel Pêcheux (1997) explora a conexão entre Linguística e Filosofia, sustentando que essas disciplinas devem ser analisadas em sua interdependência. Mais tarde, em sua teoria, Pêcheux (1982) ressalta a importância de investigar essas áreas no espaço intercalado entre elas, introduzindo a ideia de arquivo associada à análise em contextos diferenciados, destacando a relevância de uma cultura científica que vai além do universo dos cientistas.

Cristiane Dias (2015), em seu artigo intitulado *Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus*, aborda a teoria de Michel Pêcheux ao examinar a questão do *corpus* no contexto do discurso digital. Ela analisa o conceito de *arquivo digital* e a maneira como essa formação se relaciona com a sociedade e sua memória histórica. Além disso, a autora investiga a materialidade do digital e discute como se estabelece o *corpus* decorrente do arquivo digital.

No seu artigo, a autora brasileira exemplifica o uso de buscadores, como o *Google*, e argumenta que não devemos tratar os resultados de uma pesquisa *online* como se fossem arquivos, uma vez que esses resultados representam um processamento de dados em funções algorítmicas. Assim, é crucial entender que o aspecto mais relevante nessa dinâmica é como os dados estão organizados e como se conectam à memória histórica de um arquivo. Embora existam diversas questões a serem ponderadas na criação de um arquivo digital, Dias (2015) ressalta que, do ponto de vista científico e de pesquisa, é essencial levar em conta essa concepção, visto que o *corpus* se configura a partir da interpretação de um arquivo, onde a relação se estabelece entre a linguagem e o contexto externo.

É importante destacar que, ao abordarmos o humor e as afirmações que provocam risadas, frequentemente, esses elementos estão associados a uma memória linguística, formando assim um acervo e definindo um *corpus* para análise. É essencial entender como as redes operam discursivamente na criação de materialidades discursivas, visto que a interpretação desse acervo é uma fase do processo de circulação, enquanto a formação textual ocorre na revitalização dos significados. Dessa forma, o acervo pode ser visto como um conjunto de informações atualizadas que se encontram em movimento.

Dias (2015) conclui sua consideração acerca do conceito de arquivo de *corpus* ao enfatizar a importância de entender as circunstâncias envolvidas na criação de dispositivos de arquivo particulares, sempre levando em conta o aspecto digital, visto que é através desses dispositivos que a reunião do *corpus* se torna viável. Além disso, a autora ressalta que esse é um tema de grande complexidade, que exige cuidadosa atenção à interação entre teoria e método de análise, evitando que o discurso seja sacrificado em favor de um “novo” objeto a ser investigado.

A autora francesa Marie-Anne Paveau também se dedica à análise da formação do *corpus*. Diferentemente da abordagem de Cristiane Dias, Paveau enfatiza que, antes de estabelecer o que define como *corpus* digital nativo, é fundamental discutir os dados e os fenômenos observáveis gerados na internet. Isso é especialmente relevante, pois tais conceitos podem ser desafiadores para que o pesquisador estabeleça definições claras; os dados *online* e o *corpus* podem se mesclar, já que ambos são categorias amplas e, por vezes, contraditórias. Para Paveau, os dados linguísticos correspondem às criações *tecnolinguageiras* na web, englobando toda a sua diversidade discursiva. Esses dados são influenciados pelas especificidades de cada usuário em sua interação com a internet, sendo considerados pré-configurados, que representam o estágio inicial dos elementos que o linguista pode reunir de forma *online*.

Considerando o que a autora francesa chama de *observáveis*, compreendemos que eles são o resultado de um aparato de observação que é estabelecido com base nas seleções epistemológicas, teóricas e metodológicas que formam o objeto de trabalho do analista. Este, por sua vez, se forma pela observação linguística exclusiva de um ambiente discursivo, que é justamente aquilo que o difere de dados puramente apurados. Em suma, o observável é o que cabe ao analista estudar. Quando se trata de *corpus*, portanto, Paveau (2021) afirma que ele é uma coleção de observáveis e que estes não podem ser considerados exclusivamente como dados, uma vez que, por estarem situados e classificados em categorias linguísticas de seus ambientes discursivos, eles serão correspondentes aos objetivos e também às hipóteses.

Assim, pode-se concluir que, ao examinar um enunciado humorístico veiculado na internet, ele estará vinculado tanto a alguma memória histórica quanto às informações do usuário (seja ele o analista ou não) – que são coletadas e organizadas pela tecnologia –, ressaltando que a complexidade em interpretar o discurso gerado *online* se deve, em grande parte, à natureza relacional do objeto digital, o que torna sua compreensão instável. Segundo a autora francesa, nenhum dado observado é permanente ou imutável; tais características emergem apenas quando esses dados são retirados do ambiente *online* e se tornam fixos no *offline*. Por isso, os discursos nativos da *web* suscitam a necessidade de que a Linguística reavalie conceitos como extralinguístico, contexto e situação.

Com base nas pesquisas realizadas por essas autoras sobre a formação de *corpus* no ambiente digital, começamos a refletir sobre como podemos sugerir a coleta de dados para análise, focando no discurso humorístico acerca da monogamia e, em especial, na plataforma *Instagram*.

A QUESTÃO DO CORPUS HUMORÍSTICO: O INSTAGRAM

Neste trecho deste capítulo, iremos refletir, com base principalmente nas pesquisas de Paveau, sobre como é possível escolher um *corpus* humorístico no contexto de discursos genuinamente digitais. Observa-se que, nas investigações na área do discurso, a coleta de *corpora* eletrônicos muitas vezes não se concentra no objeto de estudo digital propriamente dito. Há uma grande quantidade de material que vê a internet apenas como um meio de disseminação, utilizando-a como uma ferramenta para a busca de um *corpus*, em vez de considerá-la um *corpus* em si.

Para explorarmos as características linguísticas dos *corpora* analisados, Paveau (2021) menciona Jannis Androutsopoulos, que distingue entre os “dados visuais”, que possuem uma visão mais objetiva, e os “dados oriundos do usuário”, que são moldados pela subjetividade deste. Assim, a abordagem desse material deve integrar esses dois aspectos: a interface e os vestígios deixados pelo usuário durante sua navegação na internet. Portanto, a dificuldade em selecionar e elaborar um *corpus* digital humorístico surge das complexidades indicadas por Paveau (2021), como: a vasta quantidade de material e enunciados disponíveis, a velocidade com que são reproduzidos e reinventados, levando à inefabilidade, e, por fim, a sua natureza hipertextual.

Para ilustrar, tomaremos o *Instagram* como exemplo, uma plataforma social acessível tanto por navegadores na internet quanto por aplicativos de celulares. Nessa rede, os usuários têm a possibilidade de compartilhar fotos e vídeos/*reels*, além de comentar e redistribuir postagens de outras pessoas. Segundo informações disponíveis no site da companhia, o fornecimento de conteúdo ao usuário ocorre através de “diversos algoritmos, classificadores e processos, cada um com objetivos distintos. Nosso objetivo é que você tire o máximo proveito do seu tempo e acreditamos que a personalização da sua experiência por meio da tecnologia é a forma mais eficaz de alcançar isso” (tradução nossa¹). Isso significa que o algoritmo da plataforma visa, essencialmente, manter o usuário mais tempo engajado no aplicativo, oferecendo conteúdos que sejam considerados relevantes ou interessantes, com base na coleta e análise dos dados de navegação do internauta.

A ADD percebe o algoritmo como um elemento essencial na formação do discurso digital, pois, além das máquinas, essas soluções tecnológicas têm a capacidade de rastrear as ações do usuário, gerar registros e usar essas informações para antecipar o que o usuário deseja visualizar, tal como afirmado pelo próprio *site* do *Instagram*. Conforme Paveau indica:

Os algoritmos podem ser considerados operadores de coerção discursiva e de instrução semântica que, como os pré-discursos, não têm existência linguageira, mas são ativados no nível da produção linguageira a partir de processos infra linguísticos tácitos, os cálculos. Os algoritmos não são nem objetos nem noções diretamente relacionados às abordagens linguísticas, mas, como os frames, os quadros prévios ou as representações, devem, ainda assim, ser integrados à reflexão linguística sobre os discursos nativos da internet. (PAVEAU, 2021, p.40)

Para Paveau (2021), os discursos característicos da internet apresentam uma certa consistência, o que permite considerar as formações discursivas. Esse conceito foi elaborado de maneiras distintas tanto por Michel Pêcheux quanto por Michel Foucault. Paul Henry (1993) observa, no entanto, que há conexões entre as abordagens dos dois autores, pois “Pêcheux partilhava com Foucault um interesse comum pela história das ciências e das ideias que pode explicar por que ambos, mais do que qualquer outro autor, focalizaram o discurso” (HENRY, 1993, p. 38).

De acordo com Foucault (1986), a formação discursiva pode ser entendida como um conjunto de enunciados que expressam padrões em sua distribuição.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre dois objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1986, p.43)

1. “Variety of algorithms, classifiers, and processes, each with its own purpose. We want to make the most of your time, and we believe that using technology to personalize your experience is the best way to do that.”

Pêcheux (1997), por sua vez, bem mais próximo dos estudos linguísticos e do marxismo relido por Althusser, pensa a construção dessa teoria como algo intrínseco das lutas sociais, assim, os princípios de seu estudo ao qual nomeia de formação discursiva é baseado em traços discursivos de um *corpus*. Mais tarde, Pêcheux repensa o conceito de formação discursiva baseado em sua releitura dos clássicos marxistas, entendendo a formação ideológica como um dos componentes de uma ou mais formações discursivas. Pêcheux (1997), alinhando-se mais com a linguística e com a abordagem marxista reinterpretada por Althusser, considera a elaboração dessa teoria como algo fundamental nas lutas sociais. Os princípios de sua pesquisa, que ele denomina formação discursiva, fundamentam-se em características discursivas de um conjunto de dados. Posteriormente, Pêcheux revisita o conceito de formação discursiva, à luz de sua nova interpretação dos clássicos do marxismo, percebendo a formação ideológica como um dos elementos que compõem uma ou várias formações discursivas. Essas formações influenciam a maneira como um discurso pode ser expresso e organizado, levando em conta a posição de cada um em um contexto específico, ao mesmo tempo que redefine os significados de determinadas produções e construções.

Ambas as teorias sobre a formação discursiva compartilham a ideia de que existe um conjunto de regras não visíveis. Levando isso em conta, direcionamos nossa atenção para a intersecção entre a análise do discurso e a relação algorítmica.

Nesse contexto, consideramos o conceito de *Machine Learning*, que é uma das áreas da ciência da computação focada no uso de algoritmos e dados para aprender, entender e imitar comportamentos humanos. Portanto, quanto maior a quantidade de dados coletados, mais efetivo se torna o aprendizado da máquina. Dessa forma, através dos *cookies* deixados pelo usuário do *Instagram* como um rastro digital, o algoritmo consegue identificar quais *reels* e postagens foram curtidos, quais contas e perfis foram acessados, e quais amigos recebem mais interações. Assim, ele consegue entender de forma individual como cada usuário e sua conta navegam, produzem, organizam e compartilham informações.

Ao refletirmos sobre quem gera um discurso humorístico e para qual público ele é direcionado, percebemos que a máquina não tem consciência de que o objetivo do autor da publicação era provocar risadas, nem tampouco que uma determinada postagem poderia fazer alguém rir. Isso se deve ao fato de que, como menciona Paveau (2021), o emissor não é o responsável pela criação do discurso; na verdade, ele é gerado pelos vestígios deixados pelo usuário durante sua navegação.

Os algoritmos falam no lugar dos internautas a partir de um conjunto de cálculos que se assemelha muito a um determinismo, e que torna, do ponto de vista do locutor, seu discurso imprevisível [...] é um algoritmo que filtra as publicações dos amigos ou das páginas curtidas a partir das curtidas dos proprietários das contas. (PAVEAU, 2021, p.43)

A *internet* oferece ao analista de discurso uma imensa quantidade de materiais para coleta e análise. Essa grande quantidade de enunciados é, em parte, resultado da “acessibilidade editorial e escritural de um lugar de comunicação aberto a todos [...] enquanto os lugares de comunicação e escrita *offline* permanecem fortemente hierarquizados pela seleção social e cultura” (PAVEAU, 2021, p.138). Dessa forma, na ausência de um controle sobre quem publica e para quem as publicações são destinadas, a coleta de dados se torna cada vez mais vital, uma vez que os enunciados gerados aumentam rapidamente e são continuamente reproduzidos, reformulados, republicados e recriados em um ritmo exponencial, o que levanta a questão sobre qual seria um número apropriado de *corpus* para a análise.

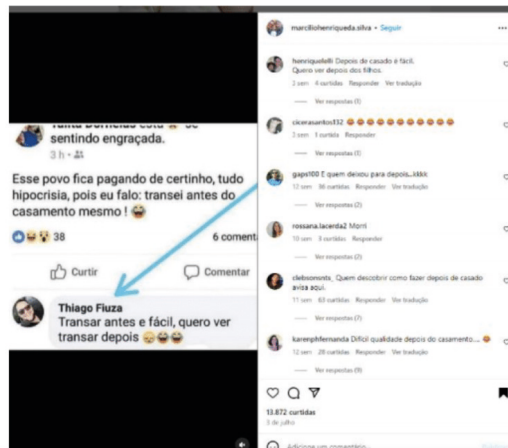
Um dos desafios enfrentados pelo analista surge além da postagem realizada por um usuário nas redes sociais. Essa postagem gera uma série de interações, como comentários, respostas, compartilhamentos, curtidas e repostagens, formando um “conjunto enunciativo” (MANZANO, 2014) que também pode se manifestar pelo humor. Paveau (2021) denomina esse fenômeno de inumerabilidade, referindo-se aos enunciados secundários que surgem a partir dos iniciais.

Como amostra, trazemos um exemplo dessa inumerabilidade e impossibilidade de controle dos enunciados segundos que são produzidos a partir de um primeiro. Como trata-se de um recorte que aborda a monogamia enquanto tema é preciso, mesmo que brevemente, compreender o que se entende como monogamia.

Em sua obra *Por que amamos* (2004), Helen Fisher argumenta que a monogamia pode ter raízes biológicas. Ela sugere que, ao longo da evolução, humanos desenvolveram inclinações para relacionamentos monogâmicos, especialmente durante os primeiros anos de criação dos filhos, quando a parceria de longo prazo aumentaria as chances de sobrevivência da prole. Fisher também ressalta que, embora a monogamia seja uma estratégia comum, não é exclusiva, e humanos frequentemente apresentam comportamentos poligâmicos e extraconjugais, o que indica uma flexibilidade nas tendências românticas e sexuais.

O casamento, em muitas culturas, é considerado uma representação da monogamia. Fisher (2004) discute que o casamento monogâmico evoluiu como uma forma de assegurar estabilidade emocional e financeira para o casal, especialmente durante os anos iniciais da criação dos filhos. Para Vasallo (2022) o casamento impacta em outras relações afetivas porque, conforme a autora, essa exclusividade se estende além da relação romântica, tornando-se também emocional, sendo a pessoa com quem você estabelece um vínculo amoroso e sexual aquela que deve te complementar em todos os aspectos. Para ela, a monogamia abrange diferentes formas de relacionamentos afetivos. Mesmo que não reconheçamos isso de forma clara, existem outras relações que podem ser vistas como “secundárias”, como as de amigos e familiares, que não são considerados amores à mesma altura, mas que ainda assim oferecem a oportunidade de se apaixonar por outras pessoas, desde que essa paixão não se materialize fisicamente e permaneça na esfera da idealização.

O *meme* trazemos como exemplo aqui aborda a questão do casamento como tema, conforme abaixo:



(Imagem 1: postagem do perfil de @marciolohenriqueda.silva, do Instagram, de 03/06/2024.)

A publicação da conta de @marciolohenriqueda.silva apareceu no feed da conta @contapesquisa2, criada pela autora deste capítulo, com fins puramente científicos. Foi digitado, na ferramenta de pesquisa, o termo *monogamia*, uma única vez. Dentre as publicações, esta apareceu e teve sua captura de tela realizada no dia 09/10/2024, no entanto, sua publicação data de 03/06/2024.

A publicação original, é uma postagem de uma mulher que não conseguimos identificar o nome, mas sabemos que é uma mulher porque há a frase “se sentindo engraçada”, opção escolhida pelo usuário do Facebook para demonstrar seu estado de espírito ao publicar algo. Como a palavra *engraçada* termina com a vogal A, compreendemos que se trata de uma pessoa que se identifica com o gênero feminino. Sua publicação diz: “Esse povo fica pagando de certinho, tudo hipocrisia, pois eu falo: transei antes do casamento mesmo!” e é seguida de um *emoji* chorando de rir. Essa publicação teve 38 reações e seis comentários, sendo um deles do usuário do Facebook Thiago Fiuza, que comenta: “Transar antes e fácil, quero ver transar depois”, seguido dos *emojis* de cansaço e chorando de rir. Para finalizar, há uma seta azul que aponta para o comentário do usuário Thiago Fiuza e ela tem o intuito de chamar atenção para o que ele escreveu.

O discurso humorístico está presente porque a usuária que fez a primeira publicação quis contradizer o discurso de que o sexo só deve ser feito depois do casamento, no entanto, é culturalmente dito que casais em matrimônio não transam tanto quanto namorados, assim, o comentário “Transar antes e fácil, quero ver transar depois” causa o riso por se tratar de uma piada comumente conhecida.

Não é possível afirmar que essa imagem foi capturada pelo usuário @marciolohenriqueda.silva para sua publicação no Instagram, no entanto, ela já não é mais o discurso primário, pois trata-se de uma captura de tela feita por um desconhecido, de uma postagem feita por uma mulher no Facebook junto a um dos comentários que a publicação teve. Lembramos que o objeto de estudo, aqui, não é a postagem do Facebook, mas sim a do Instagram.

Quando falamos da inumerabilidade, essa publicação serve de exemplo, pois: em primeiro lugar, a publicação original, em três horas de publicação, teve 38 reações e seis comentários, mas não sabemos dizer se esse número mudou depois de um tempo, tampouco se foi printada ou reproduzida em alguma outra mídia social. O que podemos afirmar é que, no *Instagram*, até a data da coleta dessa materialidade discursiva ela tinha 13.872 curtidas e muitos comentários², que geram outras materialidades discursiva.

Esses números podem ser contabilizados quando se pensa apenas em *Instagram*, fora o alcance dessa publicação enquanto ainda estava no *Facebook*. Estamos cientes de que não há como controlar o número de publicações acerca do assunto, mas, quando pensamos nas esferas do riso, este também seria constituído pela movência do enunciado primeiro de uma plataforma para outra (no caso, do *Facebook* para o *Instagram*) mudando, portanto, o formato do enunciado primeiro, seu público e promovendo diferentes sentidos e discursos humorísticos para uma audiência também distinta. Justamente considerando esse deslocamento que podemos afirmar que um *corpus* de análise humorístico deve conter: os enunciados primeiros e segundos (quando houver), além dos comentários e respostas dos usuários das redes, os números de repostagens compartilhamentos (quando disponíveis) porque, embora não se possa controlar em enunciados replicados onde uma publicação pode chegar, pode-se ter uma ideia numérica de quantos usuários aquela publicação atingiu, quantas pessoas interagiram com o conteúdo disponível porque, num nível quantitativo, torna-se possível compreender onde esse discurso humorístico chegou no momento do recorte do *corpus*, logo, quando ele é congelado no *online* para uma análise no *offline*.

Faz-se importante frisar, mais uma vez, que a ADD é um campo de estudos ainda em construção e que outras pesquisas acerca da coleta de *corpus* têm sido realizadas, mas ainda não há respostas suficientes que permita ao analista desenvolver seu estudo sem que seja necessário recorrer a modelos pré-digitais.

CONCLUSÕES

Voltando à análise feita por Dawkins sobre *memes* e sua analogia com o DNA e suas unidades de replicação, percebemos que não apenas esse tipo de afirmação, mas também as piadas que circulam nas redes sociais, exemplificam o que o etólogo mencionou há várias décadas: esclarecem como a cultura do humor se move e se difunde entre distintos grupos sociais e plataformas digitais. No contexto das redes sociais, especialmente no *Instagram*, podemos afirmar que tanto a tecnologia quanto o algoritmo não compreendem o que provoca o riso nos usuários. Contudo, acredita-se que a experiência visual de cada internauta é única, com os conteúdos exibidos e sugeridos sendo fruto de diversas combinações de informações fornecidas pelo próprio usuário. Assim, quando um conteúdo desperta o riso, é apenas o resultado da intersecção e análise dessas informações pela plataforma, que busca manter o usuário engajado por mais tempo na rede social.

2. Na versão web do *Instagram*, utilizada para a captura de tela dessa materialidade discursiva, não há a opção de ver quantos comentários a publicação teve.

O algoritmo, ao funcionar de acordo com as preferências do usuário, direciona as redes sociais a recomendar conteúdos cômicos semelhantes aos previamente visualizados. Isso ocorre devido ao *Machine Learning*, que analisa os interesses individuais de cada usuário, incluindo o tempo que passa *online*, a frequência com que interage com postagens e a repetição de vídeos. Esses dados não são adequados para uma análise linguística, mas podem ser mensurados através de interações como comentários, compartilhamentos e repostagens. Cada interação na tela modifica o algoritmo, ampliando assim o alcance de conteúdos humorísticos para um público maior. Dessa forma, a coleta de dados acontece em um momento em que a mensagem sai do ambiente *online*.

Embora a Análise do Discurso (AD) tenha se concentrado em *corpora* de análise acessíveis e objetivos, como jornais e panfletos, nota-se que essa abordagem não consegue abordar adequadamente a questão dos *corpora* em Análise do Discurso Digital (ADD). Isso ocorre porque agora esses *corpora* incluem também os rastros digitais deixados por usuários nas redes sociais. Ademais, é importante ressaltar que o analista enfrenta a dificuldade de acessar todos os discursos digitais nativos, não apenas pela grande quantidade, mas também porque os pesquisadores devem lidar com os próprios dados que geram ao coletar materiais novos para análise, dados esses que são específicos e não podem ser generalizados.

Em conclusão, ainda existem muitas questões a serem consideradas sobre a elaboração de um *corpus* analítico na ADD no que se refere ao riso e ao humor. Isso se deve não apenas às especificidades dos internautas, mas também às relações tecnodiscursivas, ao grande volume de enunciados gerados, à velocidade das informações e, principalmente, aos dados e vestígios deixados por cada usuário a cada clique ou toque na tela. Em relação ao nosso estudo, a explicação metodológica sobre a coleta e o tratamento dos dados que formam os enunciados que pretendemos analisar em cada investigação não resolve completamente a questão, mas nos oferece um caminho um pouco mais claro para realizar nossas análises e leituras.

REFERENCIAS

COURTINE, J-J (1981). **Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos/SP, EdUFSCar, 2009.

DAVISON, P. **The Language of Internet Memes: The Social Media Reader**. Edited by Michael Mandiberg. New York: New York University Press, 2012.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Tradução Geraldo H. M. Florsheim, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

DIAS, C. **Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus**. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set.-dez. 2015.

FISHER, H. **Por que amamos: a natureza e a química do amor romântico**. Record; 4ª edição. 2006.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MANZANO, L.C.G. **A ordem do olhar: sentidos da imagem no discurso político televisivo brasileiro**. 2014. 220 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MOSSERI, A. **Shedding More Light on How Instagram Works**. [S.l.], 2021. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works> . Acesso em: 12/08/2022.

ORLANDI, E. **Cidade atravessada: Os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Editora Pontes, 2001.

_____. **A contrapelo: incursão teórica na tecnologia- discurso eletrônico, escola, cidade**. RUA [online]. Campinas, n.º. 16. p. 6-17, Ago./Nov. 2010. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 25/11/2022.

PÊCHEUX, M. **A Análise do discurso: Três épocas**. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso- uma introdução à obra de Michel Pêcheux, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. (pp.311-318)

_____. **Ler o arquivo hoje**. Tradução de Maria das Graças L. M. do Amaral. In: ORLANDI, Eni. (Org.) Gestos de leitura na história do discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1982].

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

PAVEAU, M-A. **Technodiscursivités natives sur Twitter**. Une écologie du discours numérique. Epistémè: revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées/, Center for applied cultural science, Korea university, Séoul, 2013, 9, p.139-176.

_____. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e práticas**. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. I. ed.-Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise linguística de piadas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, SP, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

VASALLO, B. **O desafio poliamoroso**. Por uma nova política dos afetos. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2022.